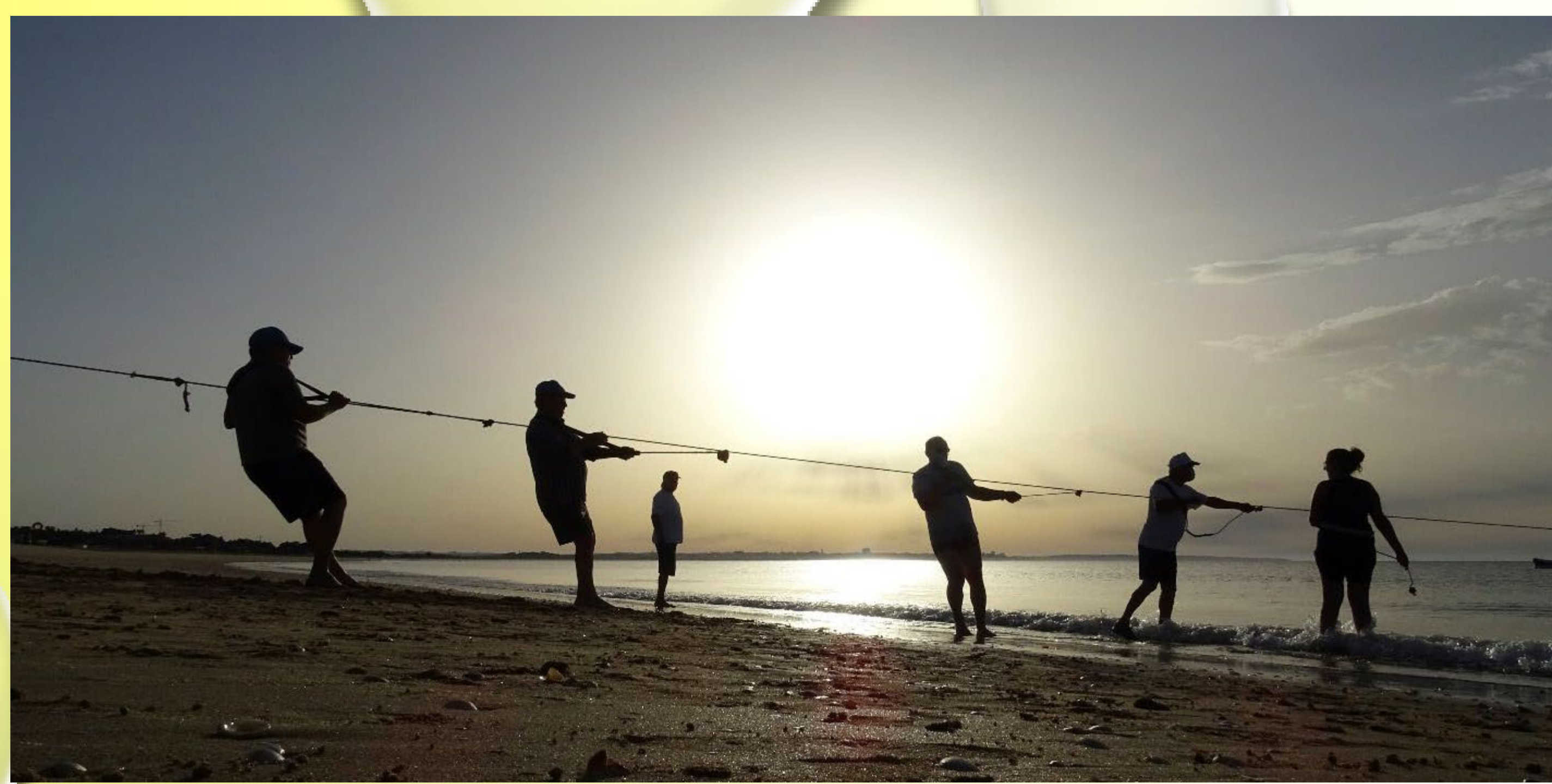


# A ARTE XÁVEGA DA MEIA PRAIA

TEXTO E FOTOS: FRANCISCO CASTELO



Início do alar da xávega, faina que começou durante a noite com o lançar da lanca e o largar da rede

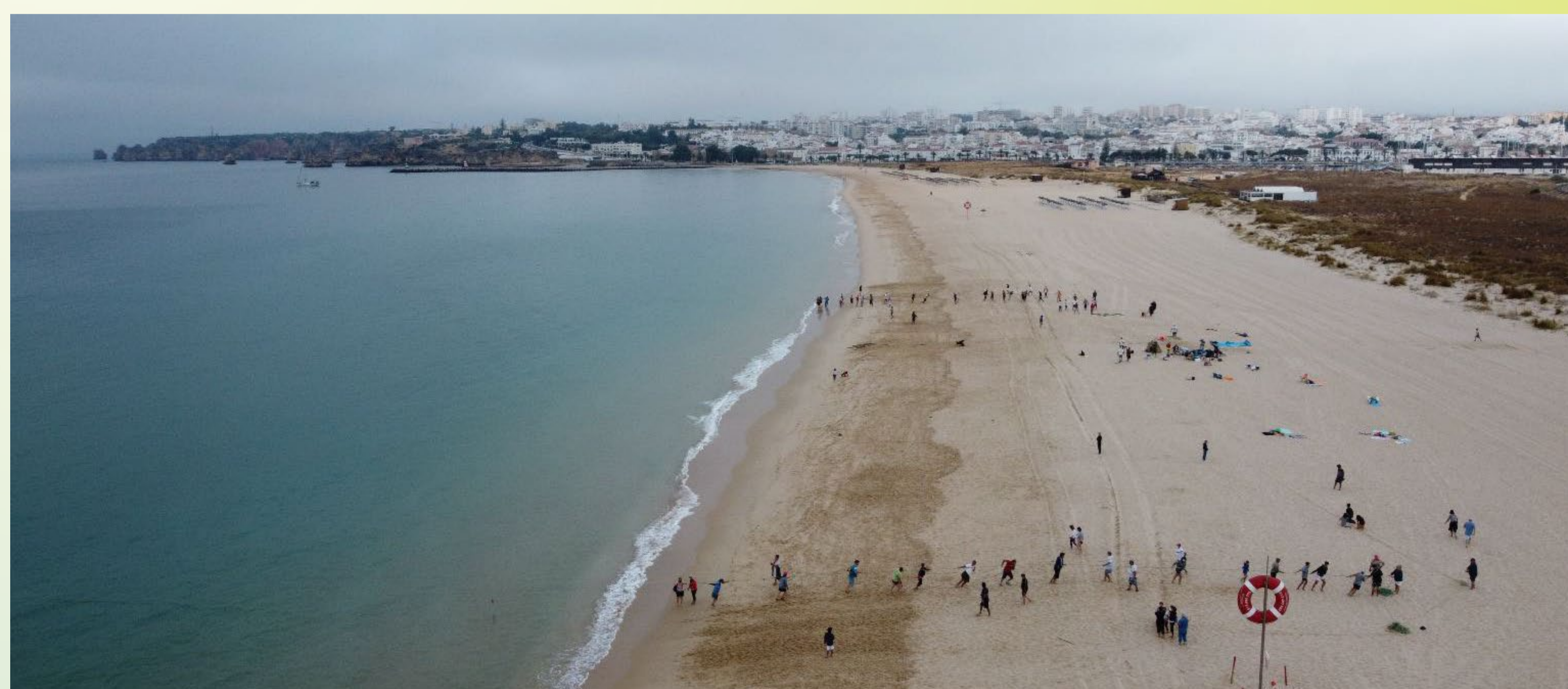
## As fragilidades da actividade

- 1- A exigência legal de garantir um montante mínimo de vendas anuais demasiado elevado para a tipologia da actividade.
- 2- A não rendibilidade da operação praticada nestes moldes tradicionais.
- 3- A degradação da embarcação e a incapacidade financeira do armador em substituí-la.
- 4- As vicissitudes do local de operação num trecho da Meia Praia que é alvo de pressão pelos operadores de actividades marítimo-turísticas, por cobiçarem aquele espaço.
- 5- A episódica presença de veleiros fundeados na área de pesca, impossibilitando ou dificultando o lance.
- 6- A inexistência, no momento, de interessados na aquisição dos conhecimentos que constituem o património cultural imaterial da manifestação (os saberes ligados à arte, sua operação e manutenção, o conhecimento dos ventos, correntes, e dos fundos e seus escolhos).
- 7- A presença crescente da alga japonesa *Rugulopteryx okamurae*, que compromete desastrosamente os lances da arte e o sucesso na captura de pescado.

## O que é a Arte Xávega da Meia Praia e qual a sua importância

Esta arte piscatória de cerco e arrasto, praticada numa feição tradicional, com recurso à força braçal, provavelmente a última do país, também se assume como uma resistência da memória ao avanço das tecnologias e do progresso. Estes, sendo desejáveis, frequentemente suprimem costumes antigos que muitas vezes deixamos desaparecer sem sequer garantirmos a preservação de um exemplo ou de uma demonstração. Devido à laboração braçal, que é lenta e cadenciada, ao invés da pesca praticada com tracção mecânica, as malhas da rede ficam mais folgadas durante o alar, possibilitando o escoamento dos exemplares juvenis. Uma justa preocupação ecológica.

Esta faina não constitui apenas uma actividade económica, Mas é também uma manifestação cultural enraizada na comunidade que nela se revê e nela participa regularmente. Congrega um grupo alargado de residentes em Lagos e nos municípios vizinhos, que mantêm uma ligação directa com o local (Meia Praia) e com o passado (gerações que ali se dedicaram a esta pesca). Esta actividade, com séculos de existência, assume-se como uma herança patrimonial imaterial que nos apraz manter, porque é um factor de identidade cultural sendo, adicionalmente, uma actividade comunitária que promove coesão social.



Aspecto da Meia Praia durante a faina na fase de alar a rede, ainda com as bandas afastadas

## Perspectivas futuras

A Câmara Municipal de Lagos tem defendido o valor cultural desta manifestação promovendo a sua inscrição no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial português (processo em curso), divulgando-a junto da opinião pública e resolvendo vários problemas relacionados com o contacto entre o armador e as autoridades marítimas.

Face às fragilidades existentes, à idade avançada e à saúde frágil do proprietário, assim como ao desinteresse de outros pescadores em aceitar desenvolver a actividade nos moldes actuais, pouco lucrativos, a manutenção desta arte piscatória, nos moldes tradicionais, apresenta desafios para os quais a autarquia tem reunido parceiros, sinergias e dinâmicas que viabilizem a sua continuidade.



O alar da rede pelas suas bandas: banda panda e banda barca



O arrais José Santos e o saco da arte com o pescado



A lanca da xávega descansando sobre os paraís

Contacto: Francisco Castelo  
Divisão de Cultura da C. M. Lagos  
fototeca@cm-lagos.pt